



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA
DO PORTO

Sílvia Regina Oliveira Pinto Ferreira

**Criminalidade feminina, psicopatia e personalidade: um estudo comparativo com
ofensoras violentas e não violentas.**

Trabalho realizado sob orientação da
Professora Doutora Ana Rita Conde Dias

Com a coorientação da
Professora Doutora Cláudia Noémia Soares de Sousa

outubro de 2022



Sílvia Regina Oliveira Pinto Ferreira

**Criminalidade feminina, psicopatia e personalidade:
um estudo comparativo com ofensoras violentas e não violentas.**

Dissertação apresentada na Universidade Lusófona do Porto
Para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia da Justiça: Vítimas de Crime
Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona do Porto
No dia 16/12/2022, perante o júri seguinte:

Presidente: Professora Doutora Carla Margarida Vieira Antunes
(Professora Auxiliar da Universidade Lusófona do Porto)

Arguente: Professora Doutora Olga Cecília Soares da Cunha
(Professora Auxiliar da Universidade Lusófona do Porto)

Orientadora: Professora Doutora Ana Rita Conde Dias
(Professora Auxiliar da Universidade Lusófona do Porto)

dezembro 2022

É autorizada a reprodução integral desta tese/dissertação apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Agradecimentos

A realização desta dissertação contou com diferentes e importantes apoios que sem dúvida foram cruciais para a sua concretização.

Em primeiro lugar, quero agradecer à minha orientadora Professora Doutora Ana Rita Dias, que esteve disponível e contactável para esclarecimentos de muitas dúvidas que foram surgindo.

À minha coorientadora Professora Doutora Cláudia Noémia Soares de Sousa, pelo apoio, simpatia e profissionalismo.

À minha família, especialmente à minha irmã que sempre me apoio e deu força em todo os momentos.

Agradeço do fundo do meu coração aos meus filhos Diogo e Gonçalo, que desde o início desta caminhada, tiveram toda a paciência e resiliência para me verem a chegar ao fim. Reconheço que foram anos difíceis e, que a minha ausência fez com que tanto eles como eu perdêssemos sempre algo. Mas na verdade, nós sabemos que valeu a pena.

Ao amor da minha vida André, que sempre esteve do meu lado e que vibrou comigo nas vitórias, que me apoiou e se dedicou incondicionalmente nos meus momentos menos bons.

À minha querida amiga Joana Marinho, pela motivação que sempre me deu, pelas palavras, pela preocupação e pelos desafios que passamos juntas.

Por fim, sempre com a mesma emoção, agradeço muito à minha querida Mãe que me incentivou e que se sentia feliz e orgulhosa por me ver a chegar ao fim. Infelizmente não viu, mas esteja onde estiver, sei que está imensamente feliz por mim. Sem ela, não teria sido possível.

Resumo

Criminalidade feminina, psicopatia e personalidade: um estudo comparativo com ofensoras violentas e não violentas.

Enquadramento: A criminalidade feminina, é um fenómeno social que tem vindo a ser pouco estudado. Grande parte da investigação sobre esta temática, foca-se na comparação entre mulheres e homens, no sentido de explicar a baixa relação entre a mulher e o crime, ofuscando a caracterização psicológica destas mulheres.

Objetivo: O presente estudo tem como objetivo identificar a prevalência de indicadores de psicopatia e de problemas de personalidade em mulheres reclusas e, analisar as diferenças nestes indicadores entre criminalidade violenta e não violenta.

Método: A amostra é constituída por 138 sujeitos do sexo feminino, que cometeram crimes violentos e não violentos. O grupo que praticou crimes não violentos é constituído por 94 (68.12%) reclusas, com idades compreendidas entre os 21 e os 66 anos ($M = 41.48$, $DP = 9.7$). Quanto ao grupo que praticou crimes violentos, é constituído por 37 (26.81%) mulheres, com idades entre os 26 e os 75 anos ($M = 43.33$, $DP = 12.97$). Para a recolha de dados procedeu-se à aplicação do questionário sociodemográfico e criminal, da Escala de Psicopatia (SRP-SF) *Self-Report Psychopathy Scale – Short Form* e, do Inventário de Personalidade de Dez Itens (TIPI). Para dar uma resposta ao primeiro objetivo realizou-se uma análise descritiva das variáveis em estudo e, para analisar as diferenças entre criminalidade violenta e não violenta, resposta ao segundo objetivo, realizaram-se duas MANOVAs (*Multivariate Analysis of Variance*).

Resultados: Relativamente à dimensão da psicopatia, verifica-se que, quer na amostra total como nos grupos em separado, a psicopatia estilo de vida é a que apresenta valores médios mais elevados e a psicopatia interpessoal a que apresenta valores mais baixos. Nas reclusas que praticaram crimes violentos, a antissocial é a dimensão da psicopatia que apresenta o valor médio mais baixo. No que se refere às características de personalidade, para ambos os grupos, a amabilidade é a que apresenta valores médios superiores e a estabilidade emocional é a que apresenta valores médios mais baixos. No entanto, as diferenças encontradas entre criminalidade violenta e não violenta, no que diz respeito aos níveis de psicopatia e às características de personalidade, não se revelaram estatisticamente significativas.

Conclusão: As mulheres que cometem crimes violentos e as que cometem crimes não violentos não diferem de forma significativa nos indicadores de psicopatia nem nas características de

personalidade. No entanto, ambos os grupos apresentam valores médios de psicopatia superiores aos valores de referência do estudo de validação para a população portuguesa, podendo indicar que valores mais elevados nestes indicadores podem ser importantes na criminalidade feminina em geral, independentemente do seu nível de violência. Quanto aos valores médios de personalidade, verifica-se que alguns traços são ligeiramente superiores à média de referência, enquanto que outros são mais baixos.

Palavras-Chave: Crimes Violentos, Crimes não Violentos, Criminalidade Feminina, Psicopatia, Personalidade.

Abstract:**Female criminality, psychopathy and personality: a comparative study with violent and nonviolent offenders.**

Background: Female criminality is a social phenomenon that has been little studied. Much of the research on this topic focuses on comparisons between women and men in order to explain the low relationship between women and crime, obscuring the psychological characterization of these women.

Objective: This study aims to identify the prevalence of psychopathy indicators and personality problems in female prisoners and to analyze the differences in these indicators between violent and non-violent crime.

Method: The sample consists of 138 female subjects, who committed violent and non-violent crimes. The group who committed non-violent crimes is composed of 94 (68.12%) female inmates, aged between 21 and 66 ($M = 41.48$, $SD = 9.7$). As for the group that committed violent crimes, it is made up of 37 (26.81%) women, aged between 26 and 75 ($M = 43.33$, $SD = 12.97$). For data collection we applied the sociodemographic and criminal questionnaire, the Psychopathy Scale (SRP-SF) and the Ten-Item Personality Inventory (TIPI). To answer the first objective, we carried out a descriptive analysis of the variables under study and, to analyze the differences between violent and non-violent criminality, answer to the second objective, we carried out two MANOVAs (*Multivariate Analysis of Variance*).

And in the separate groups, lifestyle psychopathy had the highest mean values and interpersonal psychopathy the lowest. For inmates who have committed violent crimes, antisocial is the dimension of psychopathy that presents the lowest mean value. With regard to personality traits, for both groups, amiability is the one with the highest mean values and emotional stability is the one with the lowest mean values. However, the differences found between violent and non-violent crime, with regard to levels of psychopathy and personality traits, did not prove to be statistically significant.

Conclusion: Women who commit violent crimes and women who commit non-violent crimes do not differ significantly in psychopathy indicators or personality traits. However, both groups present mean values of psychopathy higher than the reference values of the validation study for the Portuguese population, which may indicate that higher values in these indicators may be important in female criminality in general, regardless of their level of violence. As for the mean

personality values, it is found that some traits are slightly higher than the reference mean, while others are lower.

Keywords: Violent Crimes, Non-Violent Crimes, Female Criminality, Psychopathy, Personality.

Índice

Agradecimentos	v
Resumo	vi
Abstract	viii
Enquadramento Teórico	1
Criminalidade feminina: a crescente visibilidade do fenómeno	1
Teorias explicativas sobre a criminalidade feminina	3
Personalidade, psicopatia e criminalidade feminina – Investigação	5
A investigação no âmbito da personalidade	6
A investigação no âmbito da psicopatia	7
Método	11
Participantes	11
Medidas	13
Procedimentos	14
Estratégia de Análise de Dados	15
Resultados	15
Análise Descritiva das Variáveis em Estudo	15
Diferenças ao nível da psicopatia e da personalidade em função do tipo de crime	18
Discussão	19
Referências Bibliográficas	23

Índice de Tabelas

Tabela 1: Caracterização sociodemográfica da amostra	12
Tabela 2: Análise descritivas das variáveis em estudo	16
Tabela 3: Diferenças ao nível da Psicopatia em função do tipo de crime	17
Tabela 4: Diferenças ao nível da personalidade em função do tipo de crime	18

Lista de Abreviaturas /Acrónimos

MANOVA – *Multivariate Analysis of Variance*

SPSS – *Statistical Program for Social Sciences v28.0*

TIPI – *Inventário de Personalidade*

SRP-SF – *Self Report Psychopathy Scale – Short Form*

1. Enquadramento teórico

Criminalidade feminina: a crescente visibilidade do fenómeno

Ao longo de muitas décadas, o crime foi substancialmente visto como um fenómeno social que ocorre maioritariamente no sexo masculino, pelo que a criminalidade feminina foi alvo de menor atenção por parte da literatura e da investigação (Gomes & Granja, 2015). No que diz respeito ao crime violento, este tem sido associado principalmente ao sexo masculino, verificando-se que a maioria dos estudos sobre o fenómeno têm sido desenvolvidos com homens ofensores (Moffit et al., 2001). Assim, a investigação sobre a criminalidade violenta perpetrada pelas mulheres é em menor número (Cortoni & Fontaine, 2017) e, a sua maioria, procura proceder à comparação entre os dois géneros, com o objetivo de compreender a baixa relação das mulheres no crime (Walsh et al., 2020).

A criminalidade feminina tem vindo a ser representada ao longo dos tempos, como uma temática controversa e apesar do reconhecimento da mulher na esfera criminal não ser atual (Moreira, 2015), os estudos nesta área foram quase inexistentes até aos anos 70 (Gomes & Granja, 2015), sendo à posteriori e paulatinamente desencadeados com a emergência de novas perspetivas sobre a criminologia, acabando estas por ser mais sensíveis aos trabalhos e influências feministas (Matos & Machado, 2007). Por um lado, estas teorias feministas surgem da contradição perante a falta de estudos sobre a mulher na *linha tradicional*, por outro lado, surgem do reducionismo psicológico e biológico, evidentes nos primeiros estudos sobre a criminalidade feminina (Matos & Machado, 2012).

O termo “feminismo” esteve durante uma fase ausente da literatura criminológica, por seu turno vários autores (Heidensohn, 1986; Klein, 1976 citado por Heidensohn, 1987), focam-se em aspetos chave e, acabam por tecer críticas a erros fundamentais cometidos em relação aos estudos sobre a mulher agressora. Estas críticas mencionam que a ocultação da mulher como agressora ou vítima e até mesmo sem qualquer tipo de relação com o sistema de justiça criminal, é resultado da escassez da literatura neste campo de estudos (Matos & Machado, 2012).

A ideia pré-concebida de que as mulheres não se envolvem em comportamentos criminais, sendo estes, por norma, perpetrados por homens e de que as mulheres tendem a ser mais normativas pela sua natureza passiva e não agressiva, resultou numa falta de atenção para os crimes cometidos por mulheres (Smith et al., 2020), resultando também na invisibilidade da criminalidade feminina (Silva, 2017).

Durante muito tempo, os estudos evidenciaram a mulher como vítima, indicando elevadas taxas de vitimação, pelo que não se associava a mulher à agressão, mas sim à imagem de vítima (Richardson, 2005).

Ao longo de décadas, verificou-se a falta de reconhecimento da possibilidade de as mulheres manifestarem atos violentos (McHugh et al., 2005), tudo isto resultado da ideia estabelecida de que a mulher não é um ser agressivo, mas sim passivo (Richardson, 2005). Porém alguns estudos têm vindo a revelar que as mulheres também podem ser agressivas e não somente passivas e vítimas (e.g., McHugh et al., 2005; Richardson, 2005). Um estudo desenvolvido por Richardson (2005) indica que as mulheres são reativas a provocações e que participam de forma ativa na agressão, concluindo que as mulheres, também tem a capacidade e aptidão para se envolverem em comportamentos violentos e provocatórios.

Criado um contexto mais favorável para a emergência das perspetivas feministas no domínio da criminologia, as controvérsias, os interesses e primeiras movimentações ocorrem essencialmente no que respeita à vitimação, mais concretamente, sexual da mulher. É nesta esfera da vitimação que as abordagens feministas atingem o maior impacto na criminologia, com uma identificação das necessidades das vítimas (Matos & Machado, 2012). Contudo, importa mencionar que na primeira fase dos estudos feministas acerca do crime, certas abordagens contemplam também a mulher transgressora, com o intuito de desconstruir o pressuposto que prevalecia na criminologia tradicional de que as mulheres, cometem menos crimes que os homens (Almeda, 2003), estando este pressuposto estava na base da ocultação das mulheres na criminologia (Machado, 2000).

Tendo em conta que existe um crescimento da visibilidade da criminalidade feminina, importa referir que, no presente século há um aumento significativo no que diz respeito às taxas de violência e de criminalidade perpetrada pelas mulheres (Warner, 2012). Porém, os estudos indicam que estas taxas de crime em grande parte dos países continuam a ser mais elevadas nos homens do que nas mulheres (Janeksela, 1997; Walsh et al., 2020).

Vários estudos a nível internacional, indicam que existe um elevado crescimento dos crimes perpetrados por mulheres (Alper et al., 2018), incluindo crimes de maior gravidade. Islam (2014) indica que as mulheres além de cometerem crimes mais graves que os homens, também cometem mais crimes violentos do que qualquer outro tipo de crime. Em Bangladesh, com base em distribuições percentuais, as mulheres cometeram mais crimes violentos (66%) do que quaisquer outros crimes em 2012. Entre os crimes violentos, as mulheres participam em homicídios ou tentativa de homicídio (65.2%), agressão (10.6%), lesões graves menos graves de (11.3%), rapto ou tentativa de rapto (6.9%).

Apesar de os homens cometerem mais crimes e a taxa de reclusão masculina ser mais elevada que a feminina (Carson & Golinelli, 2013), as taxas de reclusão das mulheres têm vindo a aumentar de forma considerável nas últimas décadas, pelo que é notável uma representação das mulheres no sistema judicial (Edwards et al., 2019). Também idêntico aos homens, as mulheres apresentam elevadas taxas de reincidência, ou seja, 75% das mulheres podem reincidir no comportamento antissocial nos 9 anos após a libertação (Alper te al., 2018).

Teorias explicativas sobre a criminalidade feminina

Podemos encontrar na literatura, diferentes explicações teóricas, para o comportamento criminal feminino, estas surgem numa tentativa de explicar a razão pela qual este fenómeno social ocorre. No domínio das teorias explicativas, a criminalidade feminina, tem sido abordado sob duas perspetivas – a *genderizada*/feminista que propõe fatores específicos ou idiossincráticos do género feminino e a *gender neutral*, que defende que ambos os géneros partilham dos mesmos fatores criminógenos.

A perspetiva *genderizada*, surge das teorias feministas, defendendo que o crime no feminino se desencadeia por questões relacionadas com a sobrevivência, acabando por pertencer a um grupo de fatores em que estão associadas situações de adversidades e de vitimação com impacto na saúde mental, bem como situações de exclusão e pobreza (Belknap, 2014; Jones et al., 2014).

Os autores desta abordagem (Brennan et al., 2012; Daly, 1994) presumem que ocorrências externas particulares (e.g, marginalização económica e traumas) produzem respostas internas, nomeadamente os problemas de saúde mental, que se unem e estabelecem adversidades externas, (e.g, agressão, furto, roubo, prostituição e drogas) – sendo o crime resultado de estratégias de sobrevivência à luz do crime (Belknap, 2014). Os fatores sociais que cooperam para os comportamentos violentos das mulheres, sustentam trajetórias para a criminalidade feminina (e.g., fraco acesso a recursos, pobreza, privação de apoios financeiros e sociais) (Jones et al., 2014). Quanto a fatores individuais, relacionados com experiências de vitimação na génese familiar e de trauma, estes demonstram ser pertinentes para esclarecer as trajetórias feministas para o crime (Daly, 1992 citado por Jones et al., 2014).

Assim, as teorias feministas, defendem a ideia de que a criminalidade feminina é o resultado de situações abusivas ou adversas no contexto familiar, e de situações de vida inadequadas, que encaminham as mulheres para a adesão a comportamentos criminais. Alguns autores têm identificado diferentes trajetórias de vida que ajudam a explicar o comportamento criminal feminino (Brennan et al., 2012). Na análise destas trajetórias é possível distinguir as que

salientam fatores mais específicos do gênero e as que já indicam fatores neutros (Cortoni & Fontaine, 2017).

De acordo com Brennan et al., (2012) existem 4 trajetórias e fatores criminógenos que estão intimamente ligados: (i) A trajetória de crimes contra a propriedade ou de consumos – crimes cometidos pelas mulheres na fase da adolescência. Por norma não estão associadas a nenhum historial de qualquer tipo de problemas durante na infância. (ii) A trajetória da vitimação - mulheres com problemas quanto às suas habitações, mulheres com as suas vidas desorganizadas e dependentes de substâncias. Vivem expostas a contextos de stress, conflito e privação. Tem uma maior tendência para problemas de saúde mental, agressão e hostilidade. (iii) A trajetória antissocial da marginalização e pobreza – mulheres socialmente marginalizadas, em condição de pobreza, com baixa perfil educacional, e dificuldades de acesso à empregabilidade. Estas mulheres, são oriundas de ambientes com elevada taxa de criminalidade, acabando por ter acesso e, envolverem-se em crimes relacionados com o tráfico de droga. (iv) A trajetória agressiva e antissocial – mulheres que foram institucionalizadas quando eram crianças, que tiveram pares antissociais e com histórias de vitimização física e sexual ao longo das suas vidas.

No entanto, têm sido apontadas algumas limitações aos vários estudos que seguem a linha de investigação feminina, nomeadamente: o baixo número de mulheres agressoras que integram os estudos e que, na sua esmagadora maioria, cometem crimes não violentos, bem como a falta de um grupo de agressores masculino para efeitos de comparação, no sentido de se chegar a uma conclusão sobre as especificidades destas trajetórias (Jones et al., 2014).

Assim, na sequência destas limitações, têm surgido vários estudos que procuram proceder à comparação entre mulheres e homens que cometeram crimes, visando compreender e explicar a razão pelas qual as mulheres terão menos predisposição para a prática do crime (Curran & Renzetti, 2001; Walsh et al., 2020).

Por seu turno, a perspetiva *gender neutral* postula que os homens e as mulheres que praticam crime não diferem em termos de fatores criminógenos, havendo uma conjugação de múltiplos fatores de diferente natureza (intra-individual, social, situacional, etc.) que levam um sujeito a praticar crime (Andrews & Bonta, 2010), independentemente do seu gênero.

Relativamente às perspetivas da neutralidade de género (*gender neutral*), salienta-se a Teoria da Aprendizagem Social Cognitiva (McCuire, 2004), mais concretamente o Modelo Geral da Aprendizagem e da Aprendizagem Social Cognitiva, acabando este por ser importante para a compreensão deste fenómeno (Andrews & Bonta, 2010). Este modelo explica que a aprendizagem decorre em contexto social, nomeadamente, com os membros da família, amigos e também com o mundo. A influência desta interação e avaliação das situações, resulta na

aprendizagem e nos comportamentos. Esta teoria postula ainda que, o comportamento criminal varia de acordo com a análise que o indivíduo faz sobre os custos e ganhos. Uma vez feita esta avaliação, ocorre ou não o comportamento criminal. Contrariamente à perspectiva genderizada ou feminista, este modelo realça atitudes, pensamentos e sentimentos individuais, assim como a interação com o meio (Andrews & Bonta, 2010; Mc Guire, 2004).

Segundo Andrews e Bonta (2010), as pessoas adotam comportamentos criminais pela junção de diversos fatores que integram as características da situação em si, por exemplo, os estados emocionais, valores, atitudes e a própria personalidade do sujeito, não esquecendo que a tudo isto se anexa ainda a contribuição social para o comportamento criminal. A prática de um crime vai variar conforme o sujeito vai avaliar cognitivamente as circunstâncias da situação, as oportunidades e a sua autorregulação.

Desta forma, o Modelo Geral da Personalidade e da Aprendizagem Social Cognitiva (GPCSL) defende uma abordagem neutra no que diz respeito ao género, assinalando que os fatores implícitos ao crime são iguais tanto para as mulheres como para os homens (Andrews & Bonta, 2010). Os autores que defendem esta abordagem *gender neutral* alegam que para estes fatores existe evidência empírica (Bonta et al., 1998; Dowden & Andrews, 1999; Gendreau et al., 1996) e que os mesmos predizem o comportamento criminal feminino.

Personalidade, psicopatia e criminalidade feminina – Investigação

Um vasto leque da literatura e da investigação, tem-se centrado na análise da personalidade e da psicopatia, procurando estabelecer e compreender a sua ligação à prática de crime, principalmente ao crime mais violento. Decorrente da imagem da mulher como passiva e não agressiva, que concorreu para a invisibilidade da criminalidade feminina, o crime violento tem sido menos ainda associado ao género feminino (Richardson, 2005). Assim, o estudo dos infratores violentos, incluindo a sua comparação com infratores não violentos, tem sido essencialmente desenvolvido (Walsh et al., 2020). Por outro lado, ainda, apesar de alguns autores e dados estatísticos indicarem a crescente criminalidade violenta perpetrada por mulheres (Cortoni & Fontaine, 2017; van Wormer, 2010; Warner, 2012), a investigação com mulheres violentas é escassa e, a que existe, procura proceder à sua comparação com homens violentos (Walsh et al., 2020), secundarizando a caracterização da criminalidade feminina por si só – que a violenta como a não violenta.

Assim, há poucos estudos que procurem caracterizar e comparar as mulheres que praticaram crimes violentos com mulheres que praticaram crimes não violentos (e.g., Valverde & Ramirez,

2006; Weizmann-Henelius et al., 2004; Weizmann-Henelius et al., 2006), centrado-se maioritariamente na psicopatologia e nas perturbações de personalidade. Neste contexto, são escassos os estudos que procurem analisar especificamente o papel da psicopatia e das características da personalidade no crime violento exclusivamente com amostras femininas e que procurem comparar ofensoras violentas e não violentas.

A investigação no âmbito da personalidade

Como já foi referido, a maioria dos estudos tem-se desenvolvido com a população masculina sendo em menor número os estudos com mulheres. Atualmente, a investigação tem vindo a focar-se nos traços de personalidade e em compreender a relação que estes têm nos diferentes tipos de crime. Verifica-se ainda que a investigação não é consensual no que respeita às características psicológicas das mulheres que praticaram qualquer tipo de crime (Walter et al., 2011).

Relativamente à personalidade, os estudos que indiquem a relação entre o comportamento criminal e personalidade na população reclusa em geral usam o modelo dos cinco fatores de Eysenck (1966). Este modelo sugere que cinco domínios dão uma resposta às diferenças individuais de personalidade, incluindo (i) extroversão – sujeitos propensos a emoções positivas e socialização; (ii) abertura à experiência – sujeitos interessados em novas atividades; (iii) estabilidade emocional – caracteriza-se por tristeza, mau humor e instabilidade emocional ; (iv) amabilidade – concentra-se em sujeitos com relacionamentos e abordagens interpessoais; (v) conscienciosidade – controle dos impulsos, capacidade de planeamento, organização e concluir tarefas comportamentais (Power & Pluess, 2015; Sleep, 2021).

Além dos estudos acerca das associações de personalidade e crime não serem atuais, (Thiry, 2012), e os poucos que existem explicam que o comportamento criminal é o mesmo que personalidade antissocial (Eriksson et al., 2017). Por exemplo, os autores Clower e Bothwell (2001), por um lado, defendem que os baixos níveis de conscienciosidade e de abertura à experiência são as causas da criminalidade, mesmo tendo medido a personalidade na população reclusa. Por outro lado, indicam que, as mesmas características podem mudar devido às circunstâncias da vida. Assim, as características particulares de personalidade entre a população reclusa não são necessariamente as causas do comportamento criminal, mas que podem ser explicadas de outras formas, nomeadamente pela adaptação ao ambiente de uma prisão (Eriksson et al., 2017), tudo isto se aplica tanto para mulheres agressoras como para homens agressores.

No âmbito das perturbações de personalidade e de acordo com Heidensohn (1996), pouco se sabe sobre o sexo feminino e o crime. Por seu turno, várias avaliações e até mesmo intervenções, que foram inicialmente projetadas para homens, são aplicadas a mulheres (Walter et al., 2011). Sendo que a investigação indica a existência de uma relação considerável entre a perturbação de personalidade psicopática e os restantes traços de personalidade, à exceção do neuroticismo (Lynam & Derefinko, 2006), e ainda indicam referências estatísticas de que 3% dos homens e 1% das mulheres manifestam perturbação de personalidade antissocial (Johnson, 2019). Ainda resultado desta metodologia e segundo a revisão sistemática de Tharshini et al., (2021) o comportamento criminal está associado às diferentes características de personalidade, indicando também que para ambos os sexos, as características de personalidade que contribuem para a criminalidade são a psicopatia, baixo autocontrolo e o temperamento difícil.

O estudo de Moffit et al., (2001), por exemplo, focado na comparação entre mulheres e homens e que aborda algumas dimensões da personalidade, incluindo, sentimentos negativos, falta de autocontrolo e de planeamento, indica que as mulheres e os homens são diferentes nestas dimensões, mencionando que as mulheres apresentam níveis mais baixos de emoções negativas e níveis mais altos de controlo emocional comparativamente aos homens.

Ainda que em menor número, há alguns estudos que procuram analisar a personalidade exclusivamente em mulheres que praticaram crimes (Warren et al., Weizmann-Henelius et al., 2004) e outros que procuram comparar mulheres que praticaram crimes violentos e não violentos (e.g., Nagdee et al., 2019; Warren et al., 2009). Verifica-se que os que analisam exclusivamente mulheres cm crime violento indicam a presença elevada de perturbações de personalidade (e.g., Warren et al., 2002; Weizmann-Henelius et al., 2004) mas os que comparam ofensoras violentas e não violentas, indicam que as perturbações de personalidade não são distintivas das mulheres que perpetraram crime violento (e.g., Warren et al., 2009).

Assim, face ao exposto, verifica-se a controvérsia e a falta de consenso quanto ao papel da personalidade e das perturbações de personalidade na perpetração feminina do crime, principalmente o mais violento.

A investigação no âmbito da psicopatia

A respeito do construto de psicopatia, verifica-se que este tem vindo a ser relacionado à conduta violenta (Gacono, 2016; Gacono e Meloy, 1994; Gray & Snowden, 2016; Hare, 2003; Porter et al., 2001), e considerado um preditor bastante robusto para a violência no sexo masculino, sendo que para as mulheres tem sido menos destacado.

A psicopatia, tem sido alvo de muitos estudos, no entanto, há pouco conhecimento sobre a relação deste construto com a criminalidade feminina (Smith et al., 2020), todavia poderá existir uma subestimação, que passa pela pouca importância que se tem vindo a dar aos diagnósticos nas mulheres, em razão dos estereótipos ligados ao papel de género feminino versus masculino (Cooke & Michie, 2001). A psicopatia, é caracterizada pela existência de componentes interpessoais, emocionais, e comportamentais específicos, mais concretamente, o egocentrismo, grandiosidade, frieza emocional, falta de remorso e de empatia, predisposição para a manipulação e impulsividade (Carabelless et al., 2021), sendo que a mesma, conduz a comportamentos que infringem reiteradamente as normas, regras legais e sociais.

Relativamente às informações pertinentes sobre a avaliação deste construto, verifica-se que existem modelos de dois e três fatores retratados na literatura (Hare, 1991; Cooke & Michie, 2001), porém, as análises sobre a estrutura do mesmo têm revelado 4 dimensões implícitas, incluindo a interpessoal, afetiva, estilo de vida e antissocial (Hare & Neumann, 2006, 2008). Quanto ao aspecto (i) interpessoal - este envolve superficialidade e manipulação nas relações, mentira patológica e auto estima elevada, (ii) afetiva – revela falta de remorso, de empatia, afeto superficial, e desresponsabilização dos próprios atos; (iii) estilo de vida – relaciona-se com a impulsividade, busca de sensação, falta de objetivos realistas e irresponsabilidade, por fim, (iv) antissocial – que respeita a problemas de comportamento precoce, pouco controle do comportamento, delinquência na juventude e versatilidade criminosa (Filho & António, 2009).

Contudo, diferentes fontes, indicam que o comportamento criminal deve ser classificado como um possível resultado, e não uma parte integrante da psicopatia (Edwards et al., 2019). Por exemplo, um agressor não psicopata, na sua maioria perpetra um crime de uma forma e com um tipo de violência diferente do agressor psicopata, isto é, normalmente os agressores não psicopatas cometem crimes, como resposta a uma discussão mais hostil e momentânea (Carabelless et al., 2012), não tendo necessariamente características psicopáticas. Segundo Cleckley (1976), a conduta de um indivíduo psicopata é movida essencialmente por um propósito “externo” já previamente definido, e não pela influência emocional de sentimentos como desespero, raiva ou paixão (Verona et al., 2012).

No domínio da relação da psicopatia com criminalidade feminina, através de alguns estudos, verifica-se que não há diferenças, na expressão de agressão entre mulheres psicopatas e não psicopatas, porém, as mulheres psicopatas tendem a ser mais, agressivas num grau superior, no entanto não percecionam a sua agressividade como um problema (Smith et al., 2020).

De acordo com Wynn et al., (2012) a psicopatia no feminino, pode originar o comportamento antissocial, que por sua vez, se traduz em manipulação e predisposição para

enganar, mas também em comportamentos que estão envolvidos em crimes contra a propriedade (fraude, tráfico de droga, roubo). É possível que haja negligência no reconhecimento da dimensão psicopática das mulheres, tendo em conta os estereótipos que estão associados ao papel de género dos homens *versus* mulheres (Carabelless, et al., 2020). A psicopatia é padronizada do ponto de vista da sua conceitualização, como sinais que se conservam ao longo do ciclo vital, e acaba também por influenciar vários aspetos do funcionamento individual, nomeadamente, traços emocionais, comportamentais e interpessoais. Além disto, os estudos, realçam a evidência da predominância deste construto na população do sexo masculino (31%) comparativamente ao sexo feminino (Cunha et al., 2018). Ainda relativamente ao sexo feminino, a literatura refere que os traços psicopáticos antissociais e de insensibilidade são preditores de violência durante o tempo de reclusão (Thomson et al., 2016).

A concentração de evidências empíricas revela, que existem diferenças significativas entre os tipos de crime que são cometidos pelo sexo feminino e masculino na dimensão psicopática. No âmbito da análise de identificação do tipo de crime, a ameaça e o dano físico são os critérios que auxiliam a decidir se o crime foi violento ou não violento. Segundo Reiss e Roth (1993), o crime violento pode ser designado como os comportamentos que deliberadamente ameaçam ou provocam danos físicos. Deste modo esta designação agrega uma multiplicidade de crimes, tais como a agressão, roubo auxiliado da ameaça ou força, homicídio, tortura e violação (Carabelless et al., 2021).

De forma global, verifica-se que os estudos, independentemente do tipo de comportamento criminal, privilegiam as comparações entre homens e mulheres e, como se constatou, os resultados não são consensuais. Apesar de alguns estudos indicarem que as mulheres transgressoras, comparativamente aos homens, apresentam mais problemas de saúde mental, incluindo perturbações de personalidade e psicopatia, outros estudos indicam que, no âmbito da criminalidade violenta, homens e mulheres não diferem significativamente (Hornsveld et al., 2016; Ramountar & Farrington, 2014; Shahbahrami & Dokanehifard, 2019). Há autores que defendem a necessidade de desenvolver outras formas de avaliar a psicopatia no sexo feminino (Weizmann Henelius et al., 2010), postulando que poderá haver uma representação diferente da psicopatia feminina (Fourozan & Cooke, 2005).

À semelhança do que ocorre ao nível da personalidade, também ao nível da psicopatia, os estudos com mulheres ofensoras são em menor número e, neste caso, ainda mais escassos. Assim, identificam-se alguns estudos que procuram avaliar a psicopatia em mulheres com crimes violentos (e.g., Carabelless et al., 2019; Thomson, 2017) mas cujos resultados não são

consensuais. O estudo de Thomson (2017) identifica traços psicopáticos nas mulheres com crimes, distinguindo crimes violentos relacionados com tráfico de droga e outro tipo de crimes violentos. O estudo indica traços psicopáticos antissociais mais elevados nas mulheres com crimes violentos relacionados com tráfico de droga e traços psicopáticos de insensibilidade em mulheres que praticaram outro tipo de crimes violentos (não relacionados com tráfico de droga). Por seu turno, o estudo de Carabellés et al., (2019) com mulheres homicidas não identifica na amostra nenhuma mulher com indicadores de psicopatia.

Estudos que procurem comparar diferentes indicadores em mulheres que praticaram crimes violentos com mulheres que praticaram crimes não violentos são ainda mais escassos. Destaca-se o estudo de Valverde & Ramirez (2006), cujos resultados indicam não haver diferenças significativas na psicopatia entre as mulheres condenadas por crimes violentos e não violentos, nem em nenhum dos fatores que integram o construto.

Em síntese, os estudos das mulheres ofensoras no âmbito da personalidade e da psicopatia são ainda em menor número e, além disso, os resultados são pouco consistentes e pouco consensuais. Há os que indicam as mulheres violentas não se distinguem das mulheres que praticam crimes não violentos (e.g., Warren et al., 2009; Valverde & Ramirez, 2006) e outros que indicam que os indicadores de psicopatia e algumas perturbações de personalidade caracterizam a criminalidade violenta (e.g., Thomson, 2017; Weizmann-Henelius et al., 2004).

Face a esta inconsistência da investigação e à escassez de estudos com amostras exclusivamente femininas que foquem a psicopatia e as características de personalidade, procurando comparar ofensoras violentas e não violentas, surgiu o presente estudo que assume como objetivos:

1. Identificar a prevalência de indicadores de psicopatia e de problemas de personalidade em mulheres que praticam crimes.
2. Analisar as diferenças nos indicadores de psicopatia e nas características de personalidade entre reclusas que praticam criminalidade violenta e as que praticam criminalidade não violenta.

2. Método

2.1 Participantes

De forma a sustentar a confiabilidade dos resultados adquiridos, estabeleceu-se como critério de inclusão: 1) mulheres adultas reclusas, que praticaram algum tipo de crime violento ou não violento; 2) com capacidade cognitiva para a compreensão dos objetivos do estudo e a administração dos instrumentos.

Participaram neste estudo 138 sujeitos do sexo feminino. Destas, 94 (68.12%) praticaram crime não violento e 37 (26.81%) praticaram crime violento. Pela consulta da Tabela 1, verifica-se que, quanto às que não praticaram crime violento, as idades encontravam-se compreendidas entre os 21 e os 66 ($M = 67.39$, $SD = 9,7$) anos, sendo que 33 (35.1%) completaram o ensino Secundário, sendo esta a habilitação académica mais frequente, e apenas 2 (2.1%) o Mestrado. No que diz respeito ao estado civil das participantes que praticaram crimes não violentos, 47 (50.0%) são solteiras e apenas 3 (3.2%) são viúvas. Destas participantes, 74 (78.7%) têm filhos e 19 (20.2%) não têm filhos.

No que respeita à orientação sexual das participantes que cometeram um crime não violento 70 (74.5%) são heterossexuais e 4 (4.3%) apenas são homossexuais.

Relativamente às mulheres que praticaram crime violento, as idades encontravam-se compreendidas entre os 24 e os 75 anos ($M = 43.33$, $SD = 12.97$), (26.81%). Neste grupo de reclusas, 13 (35.1%) completaram o ensino Secundário sendo novamente, esta a habilitação académica mais frequente e apenas 3 (8.1%) a Licenciatura. Quanto ao estado civil, 16 (43.2%) são solteiras e apenas 2 (5.4%) viúvas. Destas participantes 27 (73.0%) têm filhos e 10 (27.0%) não têm filhos. Por fim no que respeita à orientação sexual destas participantes 26 (70.3%) são heterossexuais e 3 (8.1%) são homossexuais (ver Tabela 1).

Tabela 1*Caraterização Sociodemográfica Da Amostra (N1 = 94; N2 = 37).*

	Crime não violento					Crime Violento				
	<i>N1</i>	<i>%</i>	<i>Média</i>	<i>DP</i>	<i>Amplitude</i>	<i>N2</i>	<i>%</i>	<i>Média</i>	<i>DP</i>	<i>Amplitude</i>
Idade	93	67.39	41.48	9.7	21-64	36	26.1	43.33	12.97	24.75
Habilitações académicas										
Não sabe ler nem escrever	2	2.1				1	2.7			
1º ciclo	18	19.1				7	18.9			
2º ciclo	12	12.8				4	10.8			
3º ciclo	22	23.4				7	18.9			
Secundário	33	35.1				13	35.1			
Licenciatura	4	4.3				3	8.1			
Mestrado	2	2.1								
Tem filhos										
Não	19	20.2				10	27.0			
Sim	74	78.7				27	73.0			
Estado civil										
Solteiro	47	50.0				16	43.2			
Casado	26	27.7				10	27.0			
Divorciado	18	19.1				9	24.3			
Viúvo	3	3.2				2	5.4			
Orientação Sexual										
Heterossexual	70	74.5				26	70.3			
Homossexual	4	4.3				3	8.1			
Bissexual	9	9.6				5	13.5			

Prefiro não responder	9	9.6	2	5.4
-----------------------	---	-----	---	-----

2.2 Medidas

Para este estudo foram aplicados os seguintes instrumentos de avaliação:

Questionário Sociodemográfico.

Pretendeu-se com a aplicação deste instrumento recolher do ponto de vista sociodemográfico um conjunto de informações pertencentes à população em estudo, possibilitando compreender e analisar as variáveis como a idade, naturalidade, estado civil, habilitações académicas e orientação sexual. Além disso, foi ainda pertinente anexar um questionário sociodemográfico criminal, onde constam informação importantes como, o tempo de pena, tipo de crime, número de condenações, incluindo também questões referentes à vitimação prisional (e.g. se alguma vez sofreu algum tipo de violência no EP, o número de vezes, qual o tipo de violência e perpetrada por quem).

Escala de Psicopatia (SRP-SF) de Hare (1980); Seara- Cardoso et al., (2020)

Esta escala de medida refere-se a um inventário de avaliação acerca da psicopatia. É constituída por 28 itens, sendo que avalia quatro fatores, nomeadamente: 1) psicopatia interpessoal; 2) psicopatia afetiva; 3) psicopatia estilo de vida; 4) psicopatia antissocial.

Os itens deste instrumento são respondidos numa escala tipo Likert, com 5 níveis (de 1 a 5, em que 1 se refere a “discordo totalmente” e 5 se refere a “concordo totalmente”, sendo que existem itens invertidos, que a pontuação deve ser inversa).

Valores mais altos de score representam valores mais elevados de psicopatia.

Na presente amostra, os valores de consistência interna avaliada com recurso ao alfa de Cronbach, foram os seguintes: psicopatia interpessoal ($a = .77$); psicopatia afetiva ($a = .60$), psicopatia estilo de vida ($a = .81$) e psicopatia antissocial ($a = .74$). De acordo com Pestana e Grageiro, (2020), verifica-se que a consistência interna para a dimensão de psicopatia afetiva é fraca, para a psicopatia interpessoal e antissocial é moderada e para a psicopatia estilo de vida a consistência interna é boa.

Inventário de Personalidade de Dez Itens (TIPI), traduzido e adaptado por Lima e Castro (2009).

Esta escala baseada no modelo dos Cinco Grandes Fatores de Costa e McCrae (1987), composta por 10 itens que são avaliados através de uma escala tipo Likert de 7 pontos, que varia desde (1) “Discordo Totalmente” a (7) “Concordo Totalmente”. Esta medida de avaliação contém dois itens para cada um dos cinco fatores: Abertura à Experiência, Amabilidade, Conscienciosidade, Estabilidade Emocional e Extroversão.

Foram apresentados níveis de consistência interna para as subescalas extroversão ($a = .19$); amabilidade ($a = .21$); conscienciosidade ($a = .08$); estabilidade emocional ($a = .12$) abertura à experiência ($a = .28$). De acordo com Pestana e Grajeiro, (2020), verifica-se que a consistência interna para a todas as dimensões em simultâneo é inadmissível.

2.3 Procedimentos

Para o presente estudo foi delineado um protocolo de avaliação, com a finalidade de recolher os dados das participantes tendo em consideração os critérios de inclusão já referidos.

Este protocolo foi aplicado com a autorização da DGRSP, bem como dos Estabelecimentos Prisionais selecionados para o efeito. Esta recolha foi efetuada entre os meses de Abril de 2022 e Junho de 2022, em contexto presencial, onde todas as participantes consentiram de forma livre a participação e colaboração neste estudo.

À data combinada para a realização da recolha dos dados, antecipadamente foram esclarecidas informações pertinentes acerca desta investigação. Foram estabelecidas as condições necessárias para a concretização e aplicação dos instrumentos.

Inicialmente foi disponibilizado o consentimento informado a cada uma das participantes com o intuito de as mesmas compreenderem o objetivo, tempo de duração de preenchimento, condições de participação bem como a participação livre. Posteriormente o questionário sociodemográfico e sociodemográfico criminal, bem como os instrumentos já atrás referenciados, onde o tempo do preenchimento de todo o protocolo de avaliação era de 45 minutos.

Não foi oferecida qualquer compensação financeira pela participação. Depois da recolha de todos os protocolos realizada, foi feita a sua introdução na base de dados procedendo-se à posteriori ao arquivamento dos respetivos protocolos de avaliação.

2.4 Estratégia de análise de dados

O IBM SPSS *Statistics* versão 28, foi o software utilizado para todo o processo de tratamento e análise de dados. Subsequentemente foi efetuada uma análise descritiva do grupo de variáveis em estudo, permitindo assim descrever as principais tendências nos dados existentes e observar situações que levam a novos fatos.

Uma vez que um dos objetivos deste estudo é identificar as diferenças nos índices de psicopatia e de personalidade entre os grupos que cometeram crime não violento e violento, foram efetuadas duas MANOVAs (*Multivariate Analysis of Variance*), isto, após a análise dos pressupostos de normalidade multivariada e de homogeneidade de matriz de variâncias-covariâncias. No que diz respeito à normalidade multivariada, recorreu-se à confirmação deste pressuposto mediante a averiguação gráfica dos resíduos (Pestana & Grageiro, 2020). O pressuposto da homogeneidade da matriz de variâncias-covariâncias foi avaliado com o teste M de Box. Relativamente à psicopatia, a homogeneidade não foi rejeitada ($M = 4.77$; $F(10, 22422.10) = 0.46$; $p = .919$), quanto à personalidade a homogeneidade também não foi rejeitada ($M = 9.94$; $F(15, 19631,378) = 0.63$; $p = .856$).

3. Resultados

3.1 Análise Descritiva das variáveis em Estudo

No sentido de responder ao primeiro objetivo efetuaram-se análises descritivas com a finalidade de identificar a prevalência de indicadores de psicopatia e de problemas de personalidade em mulheres que praticaram crimes.

Conforme a Tabela 2, no total de 138 respostas verificou-se que a dimensão estilo de vida ($M = 16.66$; $DP = 6.03$) foi a que apresentou o valor médio mais elevado neste grupo de mulheres reclusas, em sentido oposto e com menos expressão está a dimensão interpessoal ($M = 13.32$; $DP = 5.24$).

Ademais, no que diz respeito às características de personalidade mais evidentes nesta amostra, verifica-se que a amabilidade ($M = 6.02$; $DP = 1.00$) foi o traço que mais se evidenciou, com o valor médio mais elevado, e a que apresentou o valor médio mais baixo foi a estabilidade emocional ($M = 3.86$; $DP = 1.24$).

Tendo em consideração os valores de médios de referência, para a população portuguesa, ou seja, os valores médios obtidos no estudo de validação do instrumento para a população

(Seara-Cardoso et al., 2020) verifica-se que todas as dimensões de psicopatia avaliadas no total da amostra estão acima da média. Quanto às características de personalidade, verifica-se através da comparação entre as médias de referência para a população portuguesa (Nunes et al., 2018) e as médias obtidas neste estudo, que os traços de conscienciosidade, neuroticismo e abertura à experiência, são os que, nesta amostra de reclusas, pontuam acima da média, contrariamente à amabilidade e extroversão que têm níveis abaixo da média.

Tabela 2.
Análises Descritivas Das Variáveis Em Estudo

	<i>N</i>	<i>Média</i>	<i>DP</i>	<i>Amplitude</i>
Escala de Psicopatia				
Psicopatia interpessoal	138	13.32	5.24	7 - 32
Psicopatia afetiva	138	13.86	4.37	7 - 29
Psicopatia estilo de vida	138	16.66	6.03	7 - 32
Psicopatia anti social	138	13.53	5.35	7 - 30
Inventário de Personalidade				
Extroversão	138	4.22	1.45	1 - 7
Amabilidade	138	6.02	1.00	3 - 7
Conscienciosidade	138	5.67	1.20	2 - 7
Estabilidade emocional	138	3.86	1.24	1 - 7
Abertura à experiência	138	5.37	1.34	1.5 - 7

Tal como quando se considera o total da amostra, é possível verificar, pela consulta da Tabela 3, que a dimensão de psicopatia estilo de vida foi a que apresentou o valor médio mais elevado, tanto para o grupo de reclusas que cometeram crime não violento ($M = 16.64$; $DP = 5.92$) como para o grupo de reclusas que cometeram crime violento ($M = 17.09$; $DP = 6.57$). No entanto, o aspeto interpessoal, apenas foi o que apresentou o valor médio mais baixo quando se consideram as reclusas que praticaram crimes não violentos, ($M = 13.57$; $DP = 5.44$) pois

nas reclusas que praticaram crimes violentos, a antissocial é a dimensão da psicopatia que apresenta o valor médio mais baixo ($M = 12.59$; $DP = 5.09$).

Considerando com valores de médios de referência para a população portuguesa, verifica-se que os níveis de psicopatia são acima da média em todas as dimensões, isto para ambos os grupos, tal como ocorria quando considerado o total da amostra.

Tabela 3.
Níveis de psicopatia em função do tipo de crime.

Subescalas	Crime não violento	Crime Violento
	($n = 94$) $M (DP)$	($n = 37$) $M (DP)$
Psicopatia Interpessoal	13.57 (5.44)	13.08 (5.08)
Psicopatia Afetiva	14.06 (4.59)	13.66 (3.87)
Psicopatia Estilo de Vida	16.64 (5.92)	17.09 (6.57)
Psicopatia Anti social	14.18 (5.44)	12.59 (5.09)

Pela consulta da Tabela 4, é possível verificar que, tal como para o total da amostra, a amabilidade continuou a ser a que apresentou valores mais elevados, tanto ao analisar apenas o grupo de reclusas que praticou crimes não violentos ($M = 6.03$; $DP = 1.05$) como ao analisar apenas o grupo de reclusas que praticou crimes violentos ($M = 5.91$; $DP = 0.93$) e a estabilidade emocional a que apresentou valores mais baixos, tanto na criminalidade não violenta ($M = 3.87$; $DP = 1.27$) como na violenta ($M = 3.83$; $DP = 1.30$).

Comparando com os valores de média de referência para a população portuguesa, verificou-se que, no grupo que cometeu crimes não violentos, os traços de abertura à experiência e estabilidade emocional apresentaram níveis médios acima da média de referência, enquanto que a estabilidade emocional, amabilidade e conscienciosidade apresentaram valores abaixo dos valores de referência, embora no caso da conscienciosidade as médias fossem muito semelhantes. Relativamente ao crime violento, o traço de abertura à experiência apresentou um valor médio que coincidiu com a média de referência, já a estabilidade emocional e a conscienciosidade apresentaram valores acima da média de referência, sendo que, abaixo dos valores médios encontrou-se os traços de extroversão e amabilidade.

relativamente os traços de abertura à experiência e estabilidade emocional os níveis estão acima da média de referência. Relativamente à característica de extroversão, amabilidade e conscienciosidade encontram-se abaixo da média, tudo isto no que se refere ao crime violento. Relativamente ao crime não violento, os traços de abertura à experiência estão nível da média, já o neuroticismo e a conscienciosidade verifica-se acima da média de referência, sendo que, abaixo dos valores de média estão os traços de extroversão e amabilidade.

Tabela 4

Características de personalidade em função do tipo de crime.

Subescalas	Crime não violento (n = 94) M (DP)	Crime Violento (n = 37) M (DP)
Abertura à Experiência	5.38 (1.34)	5.30 (1.43)
Estabilidade Emocional	3.87 (1.27)	3.83 (1.30)
Conscienciosidade	5.62 (1.25)	5.76 (1.13)
Amabilidade	6.03 (1.05)	5.91 (0.93)
Extroversão	4.13 (1.43)	4.44 (1.64)

3.2 Diferenças ao nível da psicopatia e de características de personalidade em função do tipo de crime.

No sentido de dar resposta ao segundo objetivo deste estudo, verificou-se que, na amostra, as dimensões interpessoal, afetiva e antissocial, apresentaram valores mais elevados no grupo de mulheres que cometeram crime não violento, enquanto a dimensão estilo de vida apresentou valores mais elevados no grupo de mulheres que cometeram crime violento (ver Tabela 3). No entanto, tais diferenças não se revelam estatisticamente significativas ($\Lambda = .96$; $F(4,126) = 1.22$, $p = .306$; $\eta_p^2 = .037$).

Relativamente às características de personalidade, na amostra, apenas a conscienciosidade e a extroversão apresentaram níveis superiores no grupo de reclusas que cometeram crimes violentos. Sendo que as restantes características de personalidade apresentaram sempre níveis inferiores neste grupo (ver Tabela 4). No entanto, ao considerar as diversas subescalas em simultâneo, verificou-se que entre o grupo de mulheres reclusas que cometeram crime não violento e o grupo das que cometeram crime violento, não se encontraram diferenças estatisticamente significativas ($A = .98$; $F(5,125) = 0.57$, $p = .725$; $\eta_p^2 = .022$).

4. Discussão

O presente estudo teve como principal objetivo, analisar os traços de personalidade e de psicopatia num grupo de mulheres que cometeram crimes violentos ou crimes não violentos e que, atualmente, se encontram a cumprir pena de prisão, em vários estabelecimentos prisionais portugueses.

Primeiramente, em relação ao primeiro objetivo: “*Identificar a prevalência de indicadores de psicopatia e de problemas de personalidade em mulheres que praticaram crimes*”, verificou-se que todas as dimensões da psicopatia apresentam valores médios mais elevados que os de referência para a população portuguesa. No entanto, tendo em consideração todas as outras dimensões, a que mais se destaca é a dimensão estilo de vida, mesmo quando os grupos são analisados em separado. O que significa que as mulheres reclusas envolvidas neste estudo apresentaram níveis mais altos relativamente à impulsividade, busca de sensações novas, que tendem a ter objetivos irrealistas e menor responsabilidade. Contrariamente verifica-se que a dimensão interpessoal é a menos prevalente nesta amostra, ainda que também ultrapasse o valor médio de referência. Paralelamente, ressalva-se que as restantes dimensões de psicopatia apesar de em menores níveis estão presentes nestas mulheres.

Por um lado, estes resultados vão de encontro ao estudo de Smith et al., (2020) uma vez que este indica que as mulheres ofensoras se associam e possuem a todas as dimensões de psicopatia. Por outro lado, Valverde & Ramirez, (2006) indicam que a psicopatia não é um fator determinante que influencie para a prática do crime, seja ele violento, ou não violento.

No que diz respeito aos indicadores das características de personalidade, verifica-se que no grupo de mulheres que cometeram crime violento, os traços que pontuaram acima da média de referência para a população portuguesa foram a estabilidade emocional e a conscienciosidade, pelo que, estas mulheres tendem ter maior propensão para abordagens interpessoais e a ter

maior controle nos seus impulsos. Este resultado não vai de encontro à investigação realizada por Kenna & Burstein, (2005), uma vez que também indica que o grupo de mulheres ofensoras violentas têm ao nível do bem-estar valores significativamente inferiores. Por outro lado, verifica-se que os traços que apresentam valores médios abaixo da média de referência no grupo que cometeu crime violento, são a extroversão, amabilidade, pelo que estas mulheres tendem a uma menor socialização e maior dificuldade em ter relacionamentos.

Quanto ao grupo de mulheres que cometeram crime não violento, verifica-se que a abertura à experiência e a estabilidade emocional assumem valores acima da média de referência para a população portuguesa, ou seja, este grupo de mulheres tendem a ser mulheres interessadas em novas atividades e, propensas a emoções positivas.

Este resultado parece ir de encontro ao estudo comparativo de Hornsveld et al., (2016). O mesmo indica que as mulheres apresentam valores mais elevados ao nível da estabilidade emocional.

Para o grupo que cometeu crime violento, o único traço de personalidade que se manteve no valor igual à média de referência foi a abertura à experiência. Abaixo dos valores de média de referência verifica-se a extroversão e a amabilidade, o que significa que este grupo de mulheres são menos propensas à socialização, e tem menor tendência para abordagens interpessoais. Paralelamente, verifica-se que o estudo de Kenna & Burstein, (2005) também indica que para o grupo que cometeu crime violento como para o grupo que cometeu crime não violento, os valores são baixos nas questões de proximidade social. Já a conscienciosidade apresentou uma média muito semelhante à de referência, embora ligeiramente inferior.

Ao explorar possíveis estudos que possam ir de encontro a estes resultados, verifica-se uma alta escassez em estudos que reflitam, no sentido de compreender as características de personalidade em mulheres reclusas, sendo que os que existem evidenciam na sua grande maioria as perturbações de personalidade o que permite concluir que existe uma relação entre perturbações de personalidade e psicopatia (Shahbahrani & Dokanehifard, 2019).

Por fim, no que diz respeito ao segundo e último objetivo “*Analisar as diferenças nos indicadores de psicopatia e nas características de personalidade entre reclusas que praticam criminalidade violenta e as que praticam criminalidade não violenta*” verificou-se que não existem diferenças estatisticamente significativas entre o grupo de mulheres que cometeram crime não violento e crime violento, isto quanto aos indicadores de psicopatia e de características de personalidade. No entanto, ao analisar o que se observou na amostra de reclusas considerada, a nível da psicopatia, verifica-se que no grupo de reclusas que cometeram crime violento, os níveis de psicopatia estilo de vida foram ligeiramente superiores ao grupo

não violento. O que significa que esta amostra de reclusas que praticou crime violento é constituída por mulheres ligeiramente mais impulsivas, que têm menos sentido de realidade para com os seus objetivos e são mais irresponsáveis. Estes resultados corroboram com o estudo de Raumentar & Farrington, (2014), uma vez que este indica que a impulsividade está associada ao crime violento. Ademais, o estudo de Karlsson et al., (2016) refere também que as mulheres ofensoras impulsivas, são portadoras de uma característica chave para a personalidade antissocial.

Simultaneamente, e no que diz respeito às restantes dimensões, verifica-se que a psicopatia antissocial, afetiva e interpessoal, apresentam níveis ligeiramente mais altos na amostra de reclusas que cometeu crime não violento, ou seja, verifica-se que este grupo é constituído por mulheres que tendem a ter pouco controle de comportamento, tem mais versatilidade criminosa, falta de remorso, autoestima elevada, afeto superficial, e manipulam as suas relações. O estudo de Warren & South, (2009) corrobora este resultado, tendo em conta que, o mesmo indica que as mulheres que cometem crimes independentemente do tipo se associam ao sentido de grandiosidade, e a elevados níveis de agressividade, raiva e ausência de remorso.

Relativamente às características de personalidade, verifica-se que as diferenças não são estatisticamente significativas entre os grupos, porém a amostra que cometeu crime violento apresentou níveis ligeiramente superiores de conscienciosidade e extroversão. Pelo que, mesmo as diferenças sendo relativamente baixas, verifica-se que são mulheres que tendem a ter maior propensão para relacionamentos, mais organizadas e concluem tarefas comportamentais, porém caracterizam-se por mau humor e tristeza. Outro estudo por exemplo de Thomson, (2017) indica que as mulheres que perpetram crimes violentos identificam-se com traços antissociais, frieza e insensibilidade, pelo que não corrobora esta investigação.

Ressalva-se ainda, que a inexistência de diferenças significativas entre reclusas que praticaram crimes violentos e não violentos, em relação aos níveis de psicopatia, vai de encontro ao estudo de Warren et al., (2009) que indica que não existe distinção entre as mulheres violentas e não violentas em termos de indicadores psicológicos, porém, outros apontam em sentido contrário quando indicam que existe um maior desajustamento nas ofensoras violentas em comparação às não violentas. (Hatchel et al., 2008).

A ausência de diferenças significativas, parecem indicar que a personalidade e a psicopatia não são por si só distintivas do crime violento feminino. É possível levantar a questão se a presença de indicadores de psicopatia, dado que a amostra apresenta valores médios superiores à amostra de referência do estudo de validação, podem ser preditores da criminalidade feminina em geral, independentemente se ser violenta ou não violenta. No que concerne à personalidade,

verifica-se que há a possibilidade de levantar a mesma questão tendo em conta que algumas características presentes nestas mulheres apresentam níveis superiores à amostra do estudo de validação, e se estas poderão também ser preditores para a criminalidade feminina em geral.

Porém, esta investigação apresenta limitações, uma delas diz respeito aos baixos valores de alfa de todas as subescalas do Inventário de Personalidade. Embora o valor de alfa seja influenciado pelo número de itens que constitui cada subescala, os valores de alfa obtidos foram demasiado inferiores aos que se consideram aceitáveis (Pestana & Gageiro, 2020), encontrando-se mesmo alguns próximos de zero o que parece sugerir que, embora o instrumento tenha sido validado para a população portuguesa, o seu comportamento na população reclusa possa ser diferente. Foi, no entanto, determinado manter a análise a estas subescalas, para efeitos de discussão dos resultados, mas, para estudos futuros seria necessário proceder a uma validação deste instrumento para a população reclusa.

Sugere-se assim, num futuro, trabalhos com amostras de maiores dimensões e em que os grupos de reclusas que praticaram crimes não violentos e crimes violentos tenham tamanhos semelhantes.

Referências Bibliográficas:

- Almeda, E. (2003). *Mujeres encarceladas*. Barcelona: Editorial Ariel.
- Alper, M., Durose, M. R., Statisticians, B., Markman, J., & Statistician, B. (2018). Special Report 2018 Update on Prisoner Recidivism: A 9-Year Follow-up Period (2005-2014).
- Andrews, D. A. & Bonta J. (2010). *The psychology of criminal conduct* (5th ed.). Cincinnati, Ohio: Anderson.
- Belknap, J. (2014). *The invisible woman: Gender, crime, and justice*. Toronto, ON: Nelson Education.
- Bonta, J., Law, M., & Hanson, K. (1998). The predictim of criminal and violent recidivism among mentally disorder offenders. *Aggression and Violente Behavior*, 19(3), 278-287.
- Brennan, T., Breitenbach, M., Dieterich, W., Salisbury, E. J., & Van Voorhis, P. (2012). Women's pathways to serious and habitual crime: A person-centered analysis incorporating gender responsive factors. *Criminal Justice and Behavior*, 39, 1481-1508. <https://doi.org/10.1177/0093854804265179>
- Carabellese, F.; Felthous, A.R.; Mandarelli, G.; Montalbo, D.; La Tegola, D.; Rossetto, I.; Franconi, F.; Catanesi, R. (2019) Psychopathy in Italian female murderer. *Behavior Science Law*, 37, 602–613.
- Carabellese, F., Felthous, A. R., Mandarelli, G., Montalbò, D., la Tegola, D., Parmigiani, G., Rossetto, I., Franconi, F., Ferretti, F., Carabellese, F., & Catanesi, R. (2020). Women and Men who Committed Murder: Male/Female Psychopathic Homicides. *Journal of Forensic Sciences*, 65(5), 1619–1626. <https://doi.org/10.1111/1556-4029.14450>
- Carabellese, F., Felthous, A. R., Montalbò, D., la Tegola, D., Carabellese, F., & Catanesi, R. (2021). The psychopathic dimension in women of mafia. *International Journal of Law and Psychiatry*, 74. <https://doi.org/10.1016/j.ijlp.2020.101600>
- Carson, E. A., & Golinelli, D. (2013). *Prisoners in 2012: Trends in admissions and releases 1991-2011*. United States Department of Justice. Bureau Justice Statistic. (NCJ243920). Washington, D-C.
- Cleckley, H. M., (1941/1976). *The mask of Sanity*. 5th ed. https://www.cassiopaea.org/cass/sanity_1.Pdf
- Cooke, D., & Michie, C. (2001). Refining the construct of psychopathy: Towards a hierarchical model. *Psychological Assessment*, 13, 171-188.
- Cunha, O.; Braga, T.; Gonçalves, RA. (2018). Psicopatia e violência por parceiro íntimo. *J. Interpers. Violência*, 11, 1-19.
- Curran, J. D.,; Renzetti, M.C. (2001). *Theories of Crime*. Allyn and Bacon, 2, 170-174.
- Daly, K. (1994). *Gender, crime, and punishment*. New Haven, CT: Yale University Press.

- Dowden, C., & Andrews, D. A. (1999). What works for female offenders: A meta-analytic review. *Crime & Delinquency*, 45, 438-452.
- Edwards, B. G., Carre, J. R., & Kiehl, K. A. (2019). A review of psychopathy and Cluster B personality traits and their neural correlates in female offenders. In *Biological Psychology* (Vol. 148). Elsevier B.V. <https://doi.org/10.1016/j.biopsycho.2019.107740>
- Dåderman, A. M., Eriksson, T. G., Masche-No, J. G., & Dåderman, A. M. (2020). Personality traits of prisoners as compared to general populations: Signs of adjustment to the situation? <https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.11.03>
- Eysenck, S. B., Eysenck, H. J. (1973). The personality of female prisoners. *Br J Psychiatry* 123 (577), 693-698.
- Falk, Ö., Sfindla, A., Brändström, S., Anckarsäter, H., Nilsson, T., & Kerekes, N. (2017). Personality and trait aggression profiles of male and female prison inmates. *Psychiatry Research*, 250, 302–309. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2016.12.018>
- Faul, F., Erdfelder, E., Lang, A. -G., & Buchner, A. (2007). G*Power 3: A flexible statistical power analysis program for the social, behavioral, and biomedical sciences. *Behavior Research Methods*, 39, 175-191. <https://doi.org/10.3758/BF03193146>
- Filho, N. H., & Antônio, M. (2009). Psicopatia: O construto e a sua avaliação. NS. In *Avaliação Psicológica* (Vol. 8, Issue 3).
- Ferizović, J. (2020). The case of female perpetrators of international crimes: Exploratory insights and new research directions. *European Journal of International Law*, 31(2), 455–488. <https://doi.org/10.1093/ejil/chaa037>
- Forouzan, F., & Cooke, D. (2005). Figuring Out la femme fatale: Conceptual and Assessment Issues Concerning Psychopathy in Females. *Behavioral Sciences and the Law*, 23, 765-778. <https://doi.org/10.1002/bsl.669>
- Gacono, C., Meloy J. R., Berg J. (1992). Object relations, defensive operation, and affective states in narcissistic, borderline, and antisocial personality disorder, 59, 32-49.
- Gacono, C.B. (2016). Introduction. In C. B. Gacono (Ed.), *The clinical and forensic assessment of psychopathy: A practitioner's guide* (p. 3-13). New York, NY, US: Routledge/Taylor & Francis Group.
- Gendreau, P., Little, T., & Gogging, C. (1996). A meta-analysis of adult offender recidivism: What works! *Criminology*, 34, 575-607.
- Gomes, Sílvia; Granja, Rafaela (2015). *Mulheres e crime*. V. N. Famalicão: Húmus.
- Gosling, S. D., Rentfrow, P. J., & Swann J., W., W. B. (2003). A very brief measure of the Big-Five personality domains. *Journal of Research in Personality*, 37 (6), 504-528. Elsevier Science.
- Gray, N. S., Snowden, R. J. (2016). Psychopathy in women: prediction of criminality and violence in UK and USA psychiatric patients resident in the community. *Psychiatry Res*, 43, 237-339.

- Hare R. (1991). *Manual for the Hare Psychopathy Checklist – Revised*. Toronto, Ontario, Canada: Multi-Health Systems.
- Hare, R. (2006). Robert Hare's Web Site devoted to the study of Psychopathy. Retrieved from <http://www.hare.org>
- Hare, R., & Neumann, C. (2008). Psychopathy as a clinical and empirical construct. *Annual Review of Clinical Psychology*, 4, 217-246. <https://doi.org/10.1146/annurev.clinpsy.3.022806.091452>
- Hare, R. D. (2003). *Manual for the Revised Psychopathy Checklist (2nd edition)*. Toronto, ON, Canada: Multi-Health Systems.
- Heidensohn, F. (1985). *Women and crime*. London: Macmillan Press.
- Heidensohn, F. (1987). *Women and crime: Questions for criminology*. In P. Carlen & A. Worrall (Eds.), *Gender crime and justice* (pp. 16-27). Buckingham: Open University Press.
- Heidensohn, F. (1996). *Women and crime*. Macmillan International Higher Education. Disponível em https://books.google.com.br/books?hl=ptPT&lr=&id=nEtdDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PR9&dq=Women+and+crime&ots=zsvG5EF10S&sig=MW6barlxQvdgSgkue0fxguS_WhE#v=onepage&q=Women%20and%20crime&f=false
- Hornsveld, R., Zwets, A. J., Leenaars, e., Kraaiaat, F. W., Bout, R., Lagro-Janssen, T., & Kanters, T. (2018). Violent Female Offenders Compared With Violent Male Offenders on Psychological Determinants of Aggressive Behavior. *International journal of offender therapy and comparative criminology*, 62(2), 450-467. <https://doi.org/10.1177/0306624X16648109>
- Islam, M. J. (2014). *Theories of Female Criminality: A criminological analysis Philosophy of Punishment in Criminology: A Historical Review View project*. <https://www.researchgate.net/publication/334113027>
- Janeksela, G.M. (1997) Female criminality: An overview. *International Journal of Comparative and Applied Criminal Justice*, 21(2),181-205. Doi: 10.1080/01924036.1997.9678595
- Jones, N.J., Brown, S.L., Wanamaker, K.A., & Greiner, L. E. (2014). A quantitative exploration of gendered pathways to crime in a sample of male and female juvenile offenders. *Feminist Criminology*, 9 (2), 113-136. Doi: 10.1177/155708511350185
- Lynam, D. R., & Derefinko, K. J. (2006). Psychopathy and personality. In C. J. Patrick (Ed.), *Handbook of psychopathy* (pp. 133-155). New York, NY: Guilford Press.
- Machado, C. (2000). *Discursos do medo, imagens do outro. Estudo sobre a insegurança urbana na cidade do Porto*. Dissertação de doutoramento, Instituto de Educação e Psicologia
- Matos, R & Machado, C. (2007). Reclusão e Laços Sociais: Discursos no Feminino: A Prisão, o Asilo e a Rua. *Análise Social*. XLII (185). 1041-1054.
- Matos, Raquel, & Machado, Carla. (2012). Criminalidade feminina e construção do gênero: Emergência e consolidação das perspectivas feministas na Criminologia *Análise*

Psicológica [online], disponível em:
http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312012000100005&lng=pt&tlng=es [acedido em: 27/03/2022].

- McKeown, A., & Thomson, N. D. (2019). Psychopathy and intelligence in high-risk violent women. *The journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, 30 (3), 484-495, <https://doi.org/10.1080/14789949.2018.1560487>
- McGuire, J. (2004). *Understanding Psychology and Crime: Perspectives on Theory and Action*. Maidenhead: Maidenhead McGraw-Hill International UK Ltd.
- McHugh. M., Livingston, N. A., & Ford, A. (2005). Postmodern approach to women's use violence: developing, multiple and complex conceptualizations. *Psychology of women quarterly*, 29, 323-336.
- Moreira, D., Pinto, M., Almeida, F., Barros, S., & barbosa, F. (2015). Psicopatia no feminino: uma breve revisão. *Sociedade Portuguesa de Psiquiatria e Psicologia da Justiça*, 7, 1-162.
- Moffitt, T., Caspi, a., Rutter, M., & Silva, P. (2001). *Sex differences in antisocial behaviour: Conduct disorder, delinquency and violence in the Dunedin longitudinal study*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Nunes, A., Limpo, T., Lima, C. F., & Castro, S. L. (2018). Short scales for the assessment of personality traits: Development and validation of the Portuguese Ten-Item Personality Inventory (TIPI). *Frontiers in Psychology*, 9(APR). <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.00461>
- Pestana, M. H., & Grajeiro, J. M. (2020). *Análise de dados para Ciências Sociais: A complementaridade do SPSS (6ª edição, 2ª impressão)*. Edições Sílabo.
- Power, R. A., & Pluess, M. (2015). Heritability estimates of the Big Five personality traits based on common genetic variants. *Translational Psychiatry*, 5(7). <https://doi.org/10.1038/tp.2015.96>
- Ramountar, K., & Farrington, D. (2006). Are the same factors related to participation and frequency of offending by male and female prisoners? *Psychology, Crime & Law*, 12 (5), 557-572. <https://doi.org/10/1080/10683160500337626>
- Richardson, D.S. (2005). The myth of female passivity: thirty years of revelations about female aggression. *Psychology of women quarterly*, 29 (3), 238-247.
- Reiss, A., & Roth, J. (1993). *Understanding and preventing violence*. Vol 1. Washington, DC: National Academies Press.
- Seara-Cardoso, A., Queirós, A., Fernandes, E., Coutinho, J., & Neumann, C. (2020). Psychometric Properties and Construct Validity of the Short Version of the Self-Report Psychopathy Scale in a Southern European Sample. *Journal of Personality Assessment*, 102(4), 457–468. <https://doi.org/10.1080/00223891.2019.1617297>

- Shahbahrami, M.H., & Dokanehifard, F (2019). Comparing Personality Disorders and Criminal Thinking Styles in Male and Female Prisoners Convicted of Violent Crimes. *Avicenna J of Neuropsychophysiology*, 6(3), 103-112.
- Silva, N. C. (n.d.). *Mulheres Na Prisão: Uma Imersão Aos Submundos Do Encarceramento Feminino*.
- Sleep, C. E., Lynam, D. R., Miller, J. D. A Comparison of the Validity of Very Brief of the Big Five / Five-Factor Model of Personality, 28, 739-758.
- Smith, J. M., Gacono, C. B., & Cunliffe, T. B. (2020). Female Psychopathy and Aggression: A Study with Incarcerated Women and Rorschach Aggression Scores. *Journal of Aggression, Maltreatment and Trauma*, 29(8), 936–952. <https://doi.org/10.1080/10926771.2020.1738614>
- Tharshini, N. K., Ibrahim, F., Kamaluddin, M. R., Rathakrishnan, B., & Che Mohd Nasir, N. (2021). The link between individual personality traits and criminality: A systematic review. In *International Journal of Environmental Research and Public Health* (Vol. 18, Issue 16). MDPI. <https://doi.org/10.3390/ijerph18168663>
- Thomson, L. (2016) Scotland's quality framework. In 16th Annual Conference of the International Association of Forensic Mental Health Services. New York.
- Thomson N.D. (2020). An Exploratory Study of Female Psychopathy and Drug-Related Violent Crime. *Journal of interpersonal violence*, 35(3-4), 794-808. <https://doi.org/10.1177/0886260517690876>
- Valverde, S., & Ramirez, J. (2006). Transtornos y desajustes psicológicos asociados a la violencia delictiva: Um estudo com Mulheres costarriences privadas de libertad. *Medicina legal de Costa Rica*, 23 (1), 51-74.
- Van Wormer. K. (2010). *Working with female offenders: A gender sensitive approach*. Chichester, Uk: John Wiley & Sons.
- Verona, E., Sprague, J., & Javdani, S. (2012). Gender and factor-level interactions in psychopathy: Implications for self-directed violence risk and borderline personality disorder sympoms. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 3(3), 247-262. <https://doi.org/10.1037/a0025945>
- Walsh, A., Wells, J., & Gann, S.M. (2020). *Correctional Assessment, Casework, and Counseling*. Gewerbestrasse, Switzerland: Springer.
- Walter, M., Wiesbeck, G.A., Dittmann, V., & Graf, M. (2011). Criminal recidivism in offenders with personality disorders and substance use disorders over 8 years of time at risk. *Psychiatry Research*, 186 (2-3):443-5. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2010.08.009>
- Warner, J. A. (2012). *Women and Crime: A reference handbook*. Santa Barbara, CA: Abc-clio.
- Weizmann-Henelius, G., Sailas, E., Viemerö, V., & Eronen, M. (2002). Violent women, blame attribution, crime, and personality. *Psychopathology*, 35(6), 355–361.

- Weizmann-Henelius, G., Viemerö, V., & Eronen, M. (2004). Psychological Risk Markers in Violent Female Behavior. *International Journal of Forensic Mental Health*, 3 (2), 185-196. <https://doi.org/10.1080/14999013.2004.10471206>
- Weizmann-Henelius, G., Ilonen, T., Viemerö, V., & Eronen, M. (2006). A comparison of selected Rorschach variables of violent female offenders and female non-offenders. *Behavioral sciences & the law*, 24 (2), 199-213. <https://doi.org/10.1002/bsl.680>
- Wynn, R., Høiseth, M. H., & Pettersen, G. (2012). Psychopathy in women: Theoretical and clinical perspectives. In *International Journal of Women's Health* (Vol. 4, Issue 1, pp. 257–263). <https://doi.org/10.2147/IJWH.S25518>